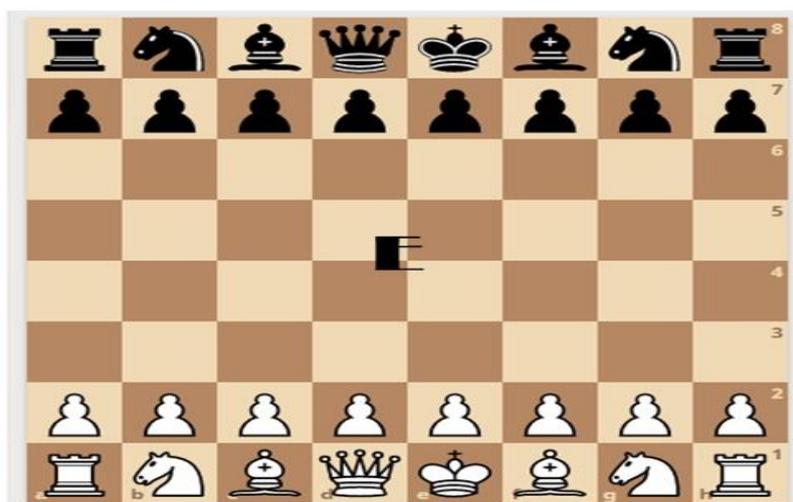


## ABERTURAS



## ARMADILHAS

ENTREVISTA REALIZADA COM VALÉRIA LEITE BRAGA<sup>1</sup>

Cantora e professora de Canto Popular no Curso de Licenciatura em Música da UFSJ.

---

Esta entrevista foi realizada com Valéria Leite Braga em 16 de dezembro de 2022

---

<sup>1</sup> Professora Adjunta da Escola de Música da Universidade Federal de São João del Rei; Mestre em Educação Musical pela UFMG; Graduada em Educação Artística pela Universidade Estadual de Minas Gerais; Atriz pela Oficina de Teatro PUC/MG.

**Revista SAE: Como a Música Popular foi inserida no curso de Licenciatura em Música da UFSJ?**

**Valéria Braga:** Foi por acaso. A UFSJ abriu um concurso para contratação de professor(a) efetivo para Canto, sem especificar se era Erudito ou Popular. A professora<sup>2</sup> aprovada era do Canto Popular, mas os alunos que já estavam matriculados eram do Canto Erudito. Abriam no meio do ano um novo concurso para professor de Canto Erudito bem como um novo vestibular para educandos cursarem o Canto Popular. Esse incidente gerou a primeira habilitação relacionada à Música Popular dentro da escola.

**Revista SAE: Porque é importante a Arte Popular, a Música Popular, dentro das universidades?**

**Valéria Braga:** Posso falar mais da Música Popular do que da Arte Popular. Sei que a UFMG tem cumprido um papel importante ao trazer os mestres da Cultura Popular e da Arte Popular para dentro da Universidade. Inclusive outorgando a titulação de notório saber e valorizando esses mestres. Eu já tinha visto na UNB a mesma preocupação. Participei de um encontro em Brasília onde vi indígenas darem aula na escola de arquitetura sobre construções e parteiras difundirem seus conhecimentos na escola de enfermagem. Eu acho bárbaro e a UFMG tem feito isso! O que me instiga é maneira pela qual a Música Popular é aprendida normalmente: o aprendizado indissociado da prática. Na universidade isso nem sempre acontece. Aprende-se Música Popular da mesma forma que a Música Erudita. Tenho refletido se é possível, nas nossas escolas, aproveitar pelo menos uma parte das formas populares e tradicionais de ensino. Esses métodos tem origem em situações culturais muito diferentes das vigentes nas escolas. Penso que as culturas de tradição oral têm algo a nos ensinar no que diz respeito a métodos didáticos. Falo isso sem colocar um juízo de valor. Eu não estou dizendo que uma forma é melhor que a outra, mas é importante pensarmos a respeito.

---

<sup>2</sup>Thais dos Guimarães Alvim Nunes

**Revista SAE: O que poderia favorecer a troca entre aprendizado da maneira popular e da maneira erudita?**

**Valéria Braga:** Na prática popular o aprendizado é sempre uma atividade prazerosa. Você aprende observando, fazendo, criando, improvisando e “tirando de ouvido”. O aprendizado se dá de maneira social e se pauta na escolha de repertórios interessantes e atraentes. A música fica viva. Lucy Green<sup>3</sup> fala sobre isso. Tem um artigo muito interessante do Carlos Sandroni<sup>4</sup>, “Uma roda de choro concentrada”, em que ele faz uma reflexão sobre esses contextos e práticas. Ele ressalta que é de fundamental importância que a apropriação das culturas populares não sejam simplesmente uma mera adoção de novos conteúdos a serem trabalhados com metodologias alheias aos seus contextos. O autor afirma que os “modos de fazer” são tão importantes ou mais do que os conteúdos. Ele fala da dificuldade de inserir “modos de fazer”, mesmo que parcialmente, e que, talvez, essa seja a única possibilidade de tornar a escola mais permeável à pluralidade cultural.

**Revista SAE:** Em novembro de 2022, a UFMG realizou o evento **Encontro com mestras, mestres e artistas do Notório Saber**, organizado pela Pró-reitoria de Cultura e pela Formação Transversal Saberes Tradicionais, que integrou a **Semana do Conhecimento UFMG**. Qual a importância do título de notório saber concedido aos mestres do saber popular?

**Valéria Braga:** O título de notório saber é um reconhecimento necessário e para além dele, o importante é haver diálogos entre o saber erudito e o saber popular. Quando falo em saber popular, me remeto ao aprendizado construído também pela oralidade. Trazer esta característica para linguagem acadêmica é dar oportunidade de se romper fronteiras. Um exemplo: Fui banca de um TCC em que o aluno pesquisou uma técnica inovadora de um mestre popular do pandeiro. O mestre começou sua formação num projeto social, coordenado pelo Tambolelé, no Bairro Glória em Belo Horizonte. Ele inventou um novo jeito de tocar pandeiro e ampliou as possibilidades rítmicas do instrumento. O estudante, autor do TCC, filmou o mestre tocando vários ritmos. Através dos vídeos,

<sup>3</sup> Professora Emérita de Educação Musical no UCL Institute of Education, Reino Unido. Ela teve um papel fundamental em trazer as práticas de aprendizagem informal de músicos populares e outros músicos vernaculares à atenção dos educadores musicais, transformando assim a prática em sala de aula.

<sup>4</sup> Possui graduação em Sociologia (bacharelado) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1981), mestrado em Ciência Política pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (1987) e doutorado em Musicologia pela Universidade de Tours, França (1997). É professor-associado de Etnomusicologia a Universidade Federal de Pernambuco. Tem experiência em Artes e em Antropologia, com ênfase em Etnomusicologia, atuando principalmente nos seguintes temas: etnomusicologia, cultura popular, folclore, música popular brasileira e samba.

o educando aprendeu, analisou, sistematizou e pesquisou uma maneira para fazer a notação daqueles ritmos e documentar no seu trabalho. Trouxe alguns exercícios propostos pelo mestre e pôde ter um olhar crítico sobre a melhor maneira de construir conhecimentos num futuro ensino dessa técnica.

Acho maravilhoso conhecer esses mestres não só para o deleite e a fruição, mas também para pesquisa e a investigação acadêmica.

**Revista SAE: Qual a importância de seu trabalho artístico para o trabalho docente?**

**Valéria Braga:** Minha formação vem muito mais da vivência, das cantorias, das rodas de violão do que da academia. Trabalho com música profissionalmente desde os 16 anos e só ingressei na graduação com 36 anos. Formei com 40 anos. Minha trajetória artística afetou muito minha vida acadêmica. Parte fundamental de meu aprendizado se deu de maneira semelhante ao aprendizado dos músicos populares: na prática. Como docente procuro criar situações próximas à “vida real” dos educandos. Isso faz com que eles vivam a arte no dia a dia. Faz com que sintam prazer e aprendam coletivamente. Não há preocupação com o certo ou errado. Não há medo de experimentar. Procuro uma formação voltada também para o mercado de trabalho. Isto inclui fazer a produção, isto é, *releases*, material gráfico,  *rider* técnico, mapas de palco e etc.

**Revista SAE: Você percebe que nosso país valoriza seus artistas?**

**Valéria Braga:** A arte devia ser levada em consideração como qualquer outra profissão. O que se toca na mídia, na televisão, a manipulação do mercado, isso tudo faz com que as coisas fiquem descartáveis e por isso, algumas vezes com um rigor estético questionável. Será que o Brasil conhece o Brasil? Algumas experiências em arte na contemporaneidade são descartáveis, fugazes e efêmeras. Talvez por isso, nem sempre ocorre a necessidade de preservação. Preservamos aquilo que valorizamos. Quando a arte é puramente mercadológica, a experiência de *streaming*, se limita à sensação e é justamente o contrário do que acontece em uma experiência *in loco*. Como exemplo temos o projeto de pesquisa e documentação realizado na UFSJ, “Sons das Vertentes: Laboratório de Documentação Sonora de São João del-Rei e região”, onde foi captado o áudio *in loco* de grupos tradicionais de música da região. O aluno bolsista vivenciou durante as 12 horas de todo o ritual do Congado. Experiência viva. Preservar para não morrer.